

A MEDIAÇÃO DA LEITURA E AS ESTRATÉGIAS ENVOLVIDAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

Adriene Souza Bento; Ivone Estevam da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN; adriene.souza2907@hotmail.com;
ivoneestevam09@hotmail.com

Resumo: Mesmo consciente de que muitos têm sido os pressupostos e discussões em torno das práticas de leitura na escola, a pesquisa ver o trabalho de mediação e estratégias de leitura como uma prática desafiadora, sobretudo no século XXI com o advento dos inúmeros gêneros digitais que surgem diariamente. Porém, para estudar a temática buscou-se refletir as contribuições do mediador para a formação leitora dos alunos e, para isso adotou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico pautada nos pressupostos teóricos de Cosson (2014), Oliveira (2010), Solé (1988), Antunes (2003), Moura e Martins (2012) e tantos outros que contribuíram para as discussões apresentadas, bem como na descrição de uma oficina de leitura desenvolvida numa escola de rede básica, resultado de uma atividade prática da disciplina Didática da Língua Portuguesa do curso de Letras. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e método dedutivo por partir das reflexões teóricas para a interpretação dos dados, na qual o foco em evidência são as estratégias de mediação da leitura literária na instituição escolar enquanto (trans)formadora. O trabalho tem sua relevância, por trazer importantes discussões sobre mediação leitora, de modo a apresentar uma prática exitosa que desmistifica a ideia de que os alunos não gostam de ler e que é muito difícil motivar práticas de leitura na escola. Mediante os estudos teóricos realizados e por meio das reflexões da oficina aplicada, concluiu-se que as leituras literárias realizadas com os alunos, quando mediadas significativamente, contribui para o desenvolvimento do caráter formativo e a construção crítica e reflexiva enquanto condição humana, além de tornar a leitura uma prática prazerosa.

Palavras-chave: Mediação leitora, Estratégias de Leitura, Formação Leitora.

Introdução

Partindo do pressuposto que a leitura é de suma importância para a formação do indivíduo, enquanto ser social, e que a mesma é capaz de trazer mais oportunidades de conhecimento e desenvolvimento para o ser humano, nos propomos a refletir os contributos dessa prática tão pertinente no âmbito escolar. Desse modo, entendemos que a leitura deve ser trabalhada de forma dinâmica e motivadora, tendo em vista sua contribuição sumária na construção do indivíduo leitor que precisa se sentir envolvido no processo.

É bem verdade que a leitura é ainda ponto de partida para muitas discussões que enaltecem sua importância, seja em estudos acadêmicos, palestras escolares, pesquisas teórico-metodológicas, o que temos visto é uma crescente preocupação em se discutir cada vez mais o papel da leitura para a formação do aluno. Muito ainda tem se reiterado o grande desafio dos professores ao inserir a literatura como prática pedagógica e a sua relevância para o ensino; nessa perspectiva, a escola precisa trabalhar com a literatura em sala de aula,

procurando motivar os alunos, no intuito de implementar uma prática de leitura ressignificadora e que faça sentido para os discentes.

Passado um semestre letivo da conclusão da disciplina *Didática da Língua Portuguesa*, do curso de Letras – CAMEAM/UERN, nos propomos a refletir uma prática desenvolvida na disciplina supracitada que teve como objetivo desenvolver uma atividade numa escola de rede básica que envolvesse um dos três eixos da Língua Portuguesa, a saber: leitura, escrita e/ou análise linguística. Nesse sentido, foi desenvolvida uma oficina de leitura intitulada *Quem conta um conto aumenta um ponto*, com 20 alunos dos 6º anos A e B em uma escola pública no município de Pereiro, no estado do Ceará. Tomando por base os procedimentos e estratégias de mediação de leitura adotadas nesta oficina, a pesquisa vai se delineando para a discussão dos resultados.

Tendo em vista o problema aqui abordado em torno das práticas de leitura na escola, nos propomos a apresentar uma pesquisa qualitativa e de método dedutivo, haja vista que partiremos das reflexões teóricas para a interpretação dos dados, na qual o foco em evidência são as estratégias de mediação da leitura literária na instituição escolar enquanto (trans)formadora. Para tanto, a pesquisa adota, ainda, um caráter bibliográfico e descritivo, pois nos respaldamos nos pressupostos de Cosson (2014), Oliveira (2010), Solé (1988), Antunes (2003), Moura e Martins (2012), bem como na descrição dos dados e nas reflexões da oficina de leitura desenvolvida à luz dos aportes teóricos apresentados.

Esta pesquisa tem sua relevância, por trazer importantes discussões sobre mediação leitora, de modo a apresentar uma prática exitosa que desmistifica a ideia de que os alunos não gostam de ler, que é muito difícil motivar práticas de leitura na escola e outras afirmações ainda imperantes no contexto escolar e fora dele.

A mediação de leitura enquanto prática que (trans)forma

A leitura não é uma atividade elitizada, mas uma ferramenta de transformação social dos indivíduos. (Julian Corre)

O processo de leitura é desenvolvido no aluno desde o seu primeiro contato com as histórias infantis contadas por seus pais, que instigam a curiosidade da criança. Ao ingressar numa instituição de ensino (começando na pré-escola), o professor passa a “tomar” o lugar

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

dos pais como mediador e influenciador da leitura, mostrando aos alunos livros com histórias variadas, textos e ilustrações que podem ser associadas.

É fato sabido por todos que a leitura é necessária e fundamental para a formação do indivíduo, pois é por meio dela que passamos a compreender tudo aquilo que nos cerca por meio dos códigos, dos signos linguísticos, e o que nos constitui como seres humanos. Afinal, ler é também compreender todas as suas formas de interpretar o mundo que nos rodeia. Segundo Colomer e Camps (2002, p.31)

Ler é mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínio no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor.

Essa definição de leitura nos faz reconhecê-la enquanto atividade comprometedora com a aprendizagem, com o raciocínio e com o conhecimento acrescido aos já inerentes do leitor. Desse modo, compreendemos que a prática de leitura não consiste no mero “bê-á-bá”, de juntar letras e formar palavras. É preciso que na escola o aluno possa, por meio da leitura, ir além da decodificação de signos linguísticos, pois ler “de verdade” é interpretar, é reconhecer o texto enquanto prática social que nos leva a refletir, a pensar.

Nesse sentido, Martins (1994) também aponta que ampliar a leitura é ir além do texto escrito, é ir de encontro com o imaginário, pois uma boa mediação de leitura traz mais conhecimento cultural e transforma o indivíduo em um ser mais crítico e social.

Temos, então, mais um motivo para ampliar a noção de leitura. Vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência. [...] enfim, essa perspectiva para o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas. (MARTINS, 1994, p. 29).

Corroborando as palavras de Martins (1994), reiteramos o que temos evidenciado em nossas discussões no que concerne à noção de leitura e acrescentamos a sua indispensável

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

contribuição para a construção do indivíduo nos mais diversos contextos, sejam eles escolares, sociais e/ou culturais. Porém, nos convém reafirmar que é na escola onde os educandos têm um maior contato com os mais diversos textos, é nela que os alunos mantêm a relação direta com a leitura que os oportuniza a vivenciar diferentes experiências e manter o hábito pela leitura.

O que nos parece relevante ressaltar é que por trás de todo processo de leitura existe um mediador, aquele que constrói um elo entre aluno e leitura, que permite esse contato tão essencial ao educando. Nesse sentido, Moura e Martins (2012) salientam que

Há um consenso entre teóricos e professores, segundo o qual a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidade, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias. (p.87)

No que diz respeito à discussão das autoras, fica ainda mais evidente a importante contribuição que a leitura traz para o indivíduo na construção do seu papel na sociedade, mostrando que é através da leitura que podemos nos tornar um ser humano com habilidades críticas, capaz de interagir em suas diversas formas de pensamento dentro da sociedade, facilitando o processo que permeia o lúdico e o imaginário.

De acordo com Freitas (2012, p.68), “[...] mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando-o de leitor principiante em leitor ativo.” Dessa maneira, a mediação, que parte do professor, deve priorizar a compreensão, de modo que as práticas de leitura transformem e desenvolvam o aluno. Afinal, de nada adianta uma mediação que não ressignifica, que não promove a evolução do leitor.

Desse processo de mediação de leitura compreende-se que o seu surgimento tem em vista o universo de outras leituras que os alunos trazem para a aula e, assim, concomitantemente forma-se o leitor, do mesmo modo que o professor-mediador se autoforma e se transforma. Nesse sentido, o formador e mediador de leitores revela-se para o outro, ao passo que toma consciência de si. Nessa relação inter-sujeitos, Bakhtin (2003, p. 341), afirma que o sujeito se constrói “através do outro e com o auxílio do outro”.

É verdade que são muitos os desafios enfrentados nas práticas escolares de mediação e letramento literário e que nem todos os alunos são interessados em ler, sobretudo o que a

escola os impõe. Sobre isso, Solé (1988, p. 43) discute que o interesse pode ser criado e motivado pelo professor, pois “Ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.” De todo modo, o que nos parece necessário compreender é que por maiores que sejam as dificuldades metacognitivas do indivíduo, por maiores que sejam suas deficiências no que tange à compreensão de um texto, a mediação do professor faz toda diferença nesse processo.

Estratégias mediadoras de leitura: reflexões e possibilidades

A leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde.
(André Mourois)

Como temos discutido aqui, o trabalho de mediação de leitura na escola é uma prática necessária para o processo de ensino e aprendizagem do aluno, bem como para o desenvolvimento enquanto indivíduo situado nos mais diferentes contextos sociais. Contudo, o que nos parece evidente ressaltar é que essa mediação não se dá de qualquer maneira, pois a prática de leitura precisa ser organizada levando em consideração diferentes aspectos, tais como: objetivo, planejamento, público, contexto, habilidades próprias a serem adquiridas, enfim. Nesse sentido, nos propomos a discutir algumas estratégias que parecem pertinentes no mediar da leitura literária.

Como mediador da leitura, o professor deve conhecer bem os textos a serem trabalhados, planejando como irá organizar seus procedimentos frente à realidade de sala de aula, sobretudo, refletindo a seleção das leituras a serem “apresentadas” para a turma. Essa seleção deve considerar o público (os alunos), seus interesses e o que pode vir a acrescentar em seu repertório de leitura; o professor, por sua vez, precisa refletir a “necessidade” de propor uma determinada leitura em detrimento de outra: afinal, o que se objetiva com aquela aula? Muitas vezes os alunos consideram as aulas que envolvem leitura chatas por não serem esclarecidos acerca da importância para sua vida estudantil e pessoal.

Na verdade, o que tornam as aulas de leitura desinteressantes e por que muitos alunos ainda têm resistência? Antunes (2003) aponta algumas práticas que, ao invés de motivar os alunos, só os afastam, tais como: atividades de leitura mecânicas; sem função e sem relação

com os usos sociais; práticas de leitura puramente escolares, sem prazer e preocupadas apenas com a avaliação; enfim “[...] uma escola sem tempo para a leitura.” (p.27).

De fato, o que está evidente, nessas questões apontadas por Antunes (2003), é que precisamos repensar como estão sendo trabalhadas as práticas de leitura na escola que envolvem apenas as atividades mecânicas e desconexas; atividades que não despertam o interesse dos alunos; que são utilizadas apenas como propósito escolar e que se preocupam somente com as fichas que os alunos devem preencher; atividades estas que não levam o aluno a refletir, a identificar os sentidos do texto e que muito menos coincidem com os contextos além-escola.

Oliveira (2010) apresenta cinco estratégias de leitura que o professor pode estar refletindo e adotando em sua prática de sala de aula, a saber: a *predição* – faz com que o leitor ajude a construir hipóteses sobre o texto, explorando título, subtítulo e o corpus do texto; a *adivinhação contextual* – nesse caso o leitor tentará compreender o texto sem a ajuda de dicionários, buscando a identificação de palavras a partir do contexto do texto; a *inferência* – diz respeito às intenções do leitor para com o texto, buscando as entrelinhas e análises possíveis; a *identificação* das ideias mais importantes – é uma estratégia que os alunos precisam dominar e a *oralização* – o aluno expõe oralmente o assunto principal do texto.

Uma discussão pertinente e que se inter-relaciona com o que temos refletido sobre estratégias de mediação leitora são os círculos de leitura abordados por Cosson (2014), pois proporcionam uma aprendizagem coletiva e colaborativa, além de possuírem um caráter formativo que ampliam os aspectos de interpretação da leitura individual e através da socialização dos envolvidos no círculo por meio do diálogo da obra discutida.

Cabe-nos ainda ressaltar que embora tenhamos enfatizado a relevância da leitura literária na escola, é importante reconhecermos que a formação de bons leitores não se dá somente na/para a instituição escolar, mas, como afirma Solé (1988, p. 100) “[...] para a vida e exige maior diversificação nos seus propósitos, nas atividades que a promovem e nos textos utilizados como meio para incentivá-la.”

Levando em consideração nossas discussões e o poder transformador da leitura que se perpetua para experiências formadoras dos alunos, é preciso que as escolas, reconfiguradas no professor compreendam que a mediação da leitura é relevante sim, que há sim estratégias possíveis de serem desenvolvidas, porém o que não podemos conter é a variedade de leitores que “enchem” as salas de aulas, a diversidade de perfis que não permitem “engessar” uma

prática como pronta e acabada, como se tivéssemos na escolas turmas homogêneas, afinal, como afirma Pennac (2008) lidamos diariamente com diferentes sujeitos leitores:

Tem aqueles que nunca leram e têm vergonha, os que não têm mais tempo de ler e que cultivam o remorso, há os que não lêem romances, só os livros úteis, ensaios obras técnicas, biografias, livros de histórias, há os que lêem e não importa o quê, os que “devoram” e têm olhos que brilham, há os que só lêem os clássicos, meu senhor, “porque não há melhor crítica do que a peneira do tempo”, os que passam a sua maturidade a “reler” e aqueles que leram o último livro tal e o último tal outro, porque é preciso, o senhor sabe, estar atualizado [...] (p. 68)

Corroborando as palavras de Pennac (2008) e observando a multiplicidade de sujeitos que temos contato no dia a dia de sala de aula, podemos repensar como temos trabalhado as práticas de leitura na escola. Temos, de fato, levado em consideração essa diversidade de perfis? Qual, afinal, o sentido, de nossas aulas de leitura?

Nesse sentido, e em conformidade com o que temos discutido, reiteramos que a leitura é essencial, é mola mestra que permeia os mais distintos conhecimentos e que nos torna sujeitos pensantes, críticos, reflexivos e que o professor é peça chave nesse processo, é dele onde surgem os encaminhamentos, a seleção dos procedimentos, é o professor quem motiva, quem promove essa relação profícua sujeito-leitura-mundo e que é indispensável na vida do ser humano.

O mediar da leitura na escola: refletindo a prática

A escola prepara para a vida e não para a própria escola. (Isabel Solé)

Conforme apresentamos no início deste trabalho e após abordarmos alguns pressupostos sobre mediação e estratégias de leitura na prática em sala de aula, nos propomos a evidenciar uma prática de mediação leitora desenvolvida como trabalho prático da disciplina *Didática da Língua Portuguesa*, do curso de Letras – CAMEAM/UERN, em uma escola de rede básica no município de Pereiro no estado do Ceará. Na ocasião, tivemos uma turma composta por 20 alunos dos 6º anos A e B.

A oficina *Quem conta um conto aumenta um ponto* foi pensada com o objetivo de despertar o prazer pela leitura, através da oralidade e refletir sobre a sua importância para o desenvolvimento dos alunos. Esse trabalho desenvolvido foi de total relevância para a escola e para os estudantes envolvidos, pois enquanto o ambiente estava sendo organizado começaram a surgir visitas de outras turmas, bem como dos professores e coordenador pedagógico que enfatizavam a importância da oficina para a comunidade escolar. Na culminância, a direção da instituição ressaltou a magnitude da prática de leitura desenvolvida, relatando que seriam fundamentais mais momentos como aquele.

Além de pautados no reconhecimento de que a leitura (trans)forma e que com ela os alunos podem desenvolver-se, tornarem-se sujeitos pensantes, idealizamos uma prática que chamasse a atenção dos alunos, que pudessem se sentir à vontade, e que o momento de leitura fosse instigante e motivador. Para tanto, começamos pelo ambiente, no qual personalizamos e caracterizamos de tal forma que envolvesse os alunos, como podemos observar na imagem abaixo:

Imagem 1: Momento de um círculo de leitura



Registro da imagem em junho de 2016

Com base na imagem 1 é possível observarmos que o objetivo, a princípio, era desenvolver neste espaço leituras motivadoras, pois acreditamos que “É preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos.” (BUZEN; MENDONÇA, 2006, p.85). Ou seja, enquanto professores mediadores precisamos compreender que essa mediação não se dá aleatoriamente, pois é necessário que o “convite” cause interesse ao possível leitor.

Muito antes de chegar à concretização desse momento, é importante ressaltar que foram elencados procedimentos a serem desenvolvidos e reflexões sobre quais es

adotar. No primeiro encontro, a turma foi situada do que estava a “fazer a ali” e qual a importância do trabalho a ser desenvolvido.

Desse modo, os alunos permaneceram em círculo, que, assim como Cosson (2014), foi denominado de círculo de leitura, sempre deixando os alunos a vontade para realizarem as mais diversas leituras, silenciosa, em voz alta e compartilhada. Sobre essa prática Brito (2007) enfatiza métodos de leitura que condizem com o trabalho realizado: a leitura autônoma que se realiza com independência e fluência, sendo o leitor capaz de solucionar os problemas que aparecem no processo no qual o aluno reconhece o texto e por si só e a leitura que é acompanhada por um outro leitor mais experiente (o leitor guia), que já o conhece o texto, pode ser o professor ou até mesmo outro aluno.

Após essas leituras, foi realizada uma roda de conversa buscando identificar o assunto principal dos textos, a sua finalidade na sociedade, o reconhecimento do gênero, no caso o conto, e suas características, o suporte, as tipologias identificadas, enfim, como afirmam Dolz e Shewly (2004) é necessário que o sujeito reconheça o gênero que está lendo e isso só é possível por meio de procedimentos bem definidos no processo de trabalho em sala de aula com o texto.

O que, na verdade, as estratégias de leitura procuraram evidenciar foi a interação com os alunos, suas relações com o mundo e com os outros colegas, sempre partindo do texto e reconhecendo que aquele momento de leitura que os alunos chamaram de maravilhoso é de suma importância para o seu desenvolvimento, assim como todas as leituras decorrem das esferas sociais. Afinal, como afirma Koch (2006, p.31) “O leitor/ouvinte, por sua vez, espera sempre um texto dotado de sentido e procura, a partir da informação contextualmente dada, construir uma representação coerente”, pois é ativando seu conhecimento prévio que o aluno estabelece suas deduções e relações com o texto.

Na prática de leitura desenvolvida pela oficina alguns procedimentos abordados por Oliveira (2010) foram preponderantes, pois a preocupação esteve envolta de alguns aspectos abordados pelo autor, tais como a predição que possibilita criar hipóteses sobre a leitura, explorando o título, trechos que os levassem a refletir e a construir seu entendimento do que foi lido; uma segunda estratégia que foi possível desenvolver foi a adivinhação textual, pois neste momento os alunos leitores tentavam compreender o conto com base no contexto, sem recorrer a pesquisas e buscando analisar os mais diversos aspectos da história nas entrelinhas, inferindo no conto lido; outra estratégia adotada foi instigar os alunos a dominarem a identificação das ideias do texto procurando a coerência por meio dos elementos coesivos nos momentos da história e, por fim, a oralização, na qual os alunos eram oportunizados a

apresentar ao círculo o assunto principal da história, o que lhes chamou mais atenção, o que mais agradou, ou não.

Todas as estratégias e procedimentos desenvolvidos foram muito bem pensados e planejados buscando sempre reiterar o quanto a leitura é importante para nossa vida, pois as experiências que adquirimos se estendem para além da escola, afinal, como afirma Cagliari (1997, p.148) “A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma.”

Conclusão

As discussões apresentadas acerca da mediação e das estratégias de leitura no âmbito escolar reforçam ainda mais a importância da prática leitora para o desempenho do aluno e como os procedimentos adotados pelo professor fazem toda diferença no desenvolvimento de qualquer atividade na escola.

Defendemos nessa pesquisa a ideia que a leitura pode ser uma prática exitosa e envolvente quando primamos pela motivação e pelo uso de estratégias que buscam interagir com os alunos e obter o desenvolvimento que vai além do ler decodificando, um trabalho de leitura prazeroso e que motiva os sujeitos envolvidos, tornando-os indivíduos reflexivos, que buscam imaginar, interpretar e, sobretudo, compreender aquilo que leem.

Portanto, esse trabalho de pesquisa vem mostrar a importância da mediação para a formação leitora dos alunos em processo de desenvolvimento dessa competência, além de abordar uma discussão relevante, porém ainda pouco considerada por muitas escolas da rede básica que é a representatividade do trabalho com a leitura escolar e o quanto essa prática contribui para o desenvolvimento dos alunos, que é também desenvolvimento da escola.

Através dos resultados obtidos na oficina podemos perceber o quanto o incentivo da leitura é fundamental para o desempenho leitor dos educandos, pois a interação estabelecida e o envolvimento dos alunos deixaram evidente que é possível desenvolver práticas de leitura que agradam e envolvem os alunos, quando os procedimentos a serem adotados são planejados e quando se tem muito claro o que se objetiva.

Nossa pesquisa conclui com a certeza que precisamos refletir nossas práticas em sala de aula e que realmente precisamos nos constituirmos enquanto sujeitos-motivadores de leitura na escola, seja qual for a disciplina lecionada, pois motivar os alunos a lerem e compreenderem o que leem é uma prática que deve ser adotada por qualquer professor. Nesse sentido, esperamos contribuir para estudos que tratam da temática, além de possibilitarmos a

reflexão nos educadores, de modo que possam mobilizar, estimular e ressignificar sua prática como mediadores de leitura.

Referências

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editora 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: BUNZEN, C.; KLEIMAN, A. B.; MENDONÇA, M. (Orgs.). [et al.]. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BRITO, L. P. L. O ensino da leitura e da escrita numa perspectiva transdisciplinar. In: CORREA, D. A.; SALEH, P. B. (org). **Práticas de letramento no ensino: língua escrita e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 10. Ed. São Paulo: Scipione, 1997.

COLOMER, T e CAMPS, A. O ensino e a aprendizagem da leitura. In: **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução Fátima Murrad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREITAS, V, A, L. **Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora**. Et al – São Paulo: Parábola, 2012.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça, 1993 – **Desvendando os segredos do texto/ Ingedore Grunfeld Villaça Koch – 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2006.**

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense. 1994.

MOURA, A, A, V. MARTINS, L, R. **A mediação da leitura: do projeto à sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2012.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. O ensino pragmático da leitura. In.:_____. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 59-108.

PENNAC, D. **Como um romance.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1988.